

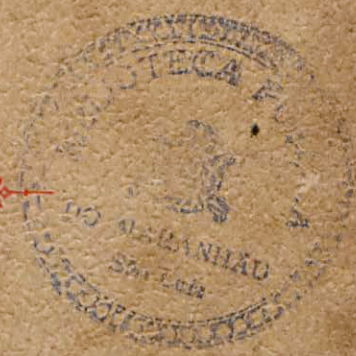
FORMA
26991
C839a.
114:
40 1

COSTA GOMES

(Da Academia Maranhense)

ALABASTROS

VERSOS



MARANHÃO

Typ. Ramos d'Almeida & C. Sócios

1909



DO AUTOR

PAMPANOS:—*Sonetos* (2.^a edição no prelo)

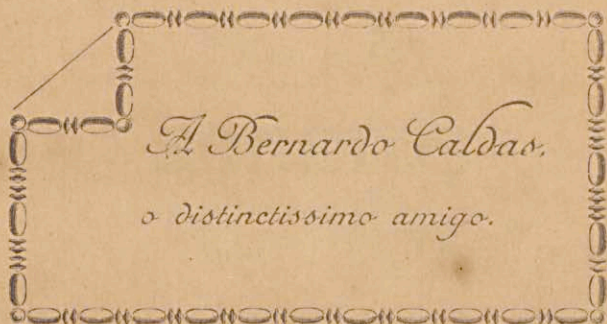
ALABASTROS:—*Sonetos,*
Poesias nacionaes,
Poesias diversas.

EM ELABORAÇÃO:

POEMA DOS CAMPOS.

Corrêa da Silva

Corrêa da Silva



A Bernardo Caldas.

o distinctissimo amigo.



SONETOS



Corrêa da Silva



Triumphal

Cambyses, para conquistar Pelusa,
Fina cilada com pericia armando,
Na vanguarda das tropas solta um bando
De cordeiros e cães... Mal vibra a Musa

Da Guerra a trompa rispida, confusa,
Eis que o inimigo exereito, avistando
Os seus deuses quadrupedes marchando,
Armas depõe, numa formal recusa...

Para alcançar-te, Céu dos meus desejos
—Doce Pelusa lyrica e amorosa
Dos meus amores lyricos e tersos—

Solto á frente da tropa ideal dos beijos,
Numa alleluia esplendida, ruidosa,
As patativas brancas dos meus versos...





Princesas

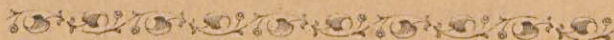
No palacio dos olhos flammejante
Ha um bando real de voluptuosas divas,
—Almas que vivem para o amor, captivas
D'esse aureo vinho que arrebatou o amante.

São princesas febris, de olhar cantante,
Cheias de gemmas e illusões esquivas,
Trazem no collo um par de sempre-vivas,
Vivendo todas num palrar constante...

Mas quando a turba indomita das Penas,
Essa phalange vil, que o sangue cohre,
Invade o paço das fidalgas francas.

Descem as tristes lagrimas serenas,
Formando, expulsas do palacio nobre,
Todo um cortejo de princessas brancas !





Amor materno

Ia sair o enterro... O caixãozinho
Cheio de flores, petalas mimosas,
Parecia um canteiro ideal de rosas,
Porventura, o chalet de um passarinho.

Elle dormia. Frias sobre o arminho,
Espalmavam-se, em cruz, as mãos piedosas:
Curvei-me, grave e mudo, e, em lacrimosas
Preces, beijei-as com o maior carinho...

Rapido se ergue um vulto: e, nuns arquejos
Pungentes, num transporte louco, ethereo.
Lança-se ao filho e estreita-o soluçando...

E, ao som d'aquella voz, e áquelles beijos.
—Por acaso, talvez, ou por mysterio —
A creancinha despertou, chorando!...





Concerto

Trinam as cordas do violino... e a tua
Boeca, rubis e perolas mostrando,
Maravilhosamente vae cantando
Uma estrophe de amor, que sóbe e estua.

Tudo estremece de emoção. Na rua
A turba estaca e freme, em doido bando;
Gorgeia o ar, sonhos vôam, palpitando.
E até parece que se agita a lua...

Nós, escutando a musica bonita,
Quedamos, fixo o olhar, mudos, em preces.
Tanta é a doçura, a melodia tanta!

Chilra o violino... e a tua voz o imita,
Como se um anjo fosses ou tivesses
Outro violino dentro da garganta!





Eterno vulcão

Lembra um vulcão em franca actividade
A cabeça dos homens. Da cratera
Rubra da bocca, aberta á immensidade.
Foge o fumo azulado da chimera;

Não raro, as, da calunnia e da maldade,
Línguas de fogo irrompem na ampla esphera:
Outras vezes as cinzas da saudade
Chumbam o espaço aberto em primavera.

Os Etnas immortaes dos que se adoram
Lançam beijos de amor—sonoras balas,
Como lavas de pranto os dos que choram!...

Resta o vulcão ideal dos Sonhadores:
Uns arremessam perolas e opalas,
Outros arrojam turbilhões de flores!...





A choupana

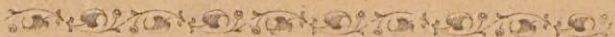
Vejo-a amarella e sêcca entre a folhagem
Verde,—sêcca e amarella como um frio,
Velho esqueleto, num jardim sombrio,
De aromas cheio e cheio de paysagem.

No entanto, que alegria e voz selvagem
Lá dentro escuto! Extranho murmúrio
De guitarras se evola em desafio.
Parlam creanças junto da ramagem...

Tambem, às vezes, sob amarellada
E tosca veste, feia, amarrotada,
O humano peito illude a vista humana:

Julgam-no, ao vel-o, uma arca de amargura:
No entanto, é um céu aberto... a miniatura
D'aquella humilde e mürmura choupána!...





Saudade

Aspide e flor: laceras e perfumas
O coração; perfumas e laceras
A alma, que o homem domina, impondo-o ás feras,
Aos mineraes, ás plantas e ás espumas...

—Semeando luz e trevas, surges numas
Pungentes illusões, duras chimeras.
O' negro luar! ó sol de primaveras
Amortalhado nos lençoes das brumas!

Lembras a voz dos sinos em piedade,
—Desolada Mulher que nos consome
E nos embala em mysteriosa rêde...

E eis, afinal, a grande, a atroz Saudade!
—Amargo fructo que mitiga a fome,
Bebida amarga que mitiga a sêde...





Deusa da Volupia

A gema calida e sensual do beijo
Fulge, sanguinea e cheia, em tua bocca,
E, azas rufando nos teus olhos, rouca
Volata quente, flammejante harpejo

Vibra, phrenetica, a ave do desejo...
—Deusa de carne escandalosa, a louca
Essencia forte d'esta vida pouca
Queima-te o sangue, em doce murmurejo.

Tinhas aos pés os corações risonhos,
E o meu buscavas, sem calor de sonhos,
Feito de neve, de saudade feito...

Triumphaste! o Amor de rosas me engrinalda!
—A chamma rubra que o teu peito escalda
E' a rubra chamma que me escalda o peito!...





Apaiçonada

Languida, os olhos fitos na janella,
Suspira e chora a flôr das namoradas:
Chora o tempo em que alguem, ao lado d'ella,
Contava as margaridas encarnadas.

Rôxas olheiras abrem-se naquella
Face, que as tranças cobrem, desgrenhadas...
E tosse, e arqueja...E os olhos na janella
Buscando as margaridas encarnadas...

Vivo rumor de palmas junto á porta...
Tremem-lhe os seios, treme a voz... espia:
—«Fabio!...» murmura emfim, num tom maguado...

E o sangue, em borbotões, a voz lhe corta...
—Como si aquelle jorro de agonia
Fosse a explosão de um peito apaixonado!...





Ambrosia de luz

Dizem, propalam (almas generosas,
Que acham poesia até na voz das feras)
Que os meus sonetos têm o olor das rosas
E a harmonia das verdes primaveras.

E apertam-me, sorrindo, as mãos nervosas,
Num rasgo de eloquência e de chimeras,
Deixando-me entrever as magestosas
Aguias da Gloria, em rutilas esferas...

Mas... não admira, filha, que os meus sonhos
A alma arrebatem, mágicos, risinhos,
Arrebatando-a às vezes dos abrolhos:

Pois, quando sonho, em gottas me propinas
A ambrosia do amor—gottas divinas
D'essa esmeralda que possues nos olhos!...





Piano ideal

A tua bocca é um piano. No teclado
Alvo e sonoro dos polidos dentes
A alma que tens, mas que não vês nem sentes,
Freme e palpita como um genio alado.

Assim, ora executa abemólado
Tango festivo, em gammas eloquentes,
Ora, doce mazurka, que as serpentes
Abrandã e abrandã a leôa do Peccado.

E eu tremo, fibra a fibra, olhando o espaço
Cheio de lascas de oiro, e alegre e douda
Romanza eterna me arrebatá, quando

A' noite,—dos meus olhos ao mormaço,—
Tuá alma abre o piano e, logo, toda,
Toda a paixão que sentes vaé cantando!...





A primeira rosa

Foi quando Eva expirou... (Deus lhe dissera
No paraíso, após o vil peccado:
«Terás a morte! e menos que a panthera
Serás, depois, no monte, ou veiga, ou prado:

Viverás entre espinhos, como fera
Maldicta, exposta á neve e ao sol ousado;
Não poderás falar, nem ver a esphera,
Nem dar um simples passo—eis o teu fado.»

E Adão gemêra: «Pae! um breve manto,
Um simples lenço, feito para o pranto,
Ponde-lhe—então—na carne melindrosa:

Dóe tanto o sol!...» Debalde: o mesmo fado...)
—E quando Eva expirou, surgiu no prado,
Por entre espinhos, a primeira rosa!...





Enfermo

Nesse rochedo asperrimo, que alcanço
A olhos nús e onde sempre os olhos cravo,
Bate o oceano, a bramir como um escravo
Leão, noites e dias, sem descanso...

E o colosso de pedra, altivo e manso,
Recebe o açoite qual si fôra um fave;
Não se lhe dá que o oceano espume bravo,
Que urre e se empine, nuna tremendo avanço...

No entanto, sobre as vagas procellosas
Do meu leito de dor, neste degredo
Frio e medonho, onde a illusão não medra,

Sinto os nervos tão frageis como rosas...
—Ah! quem me dera a força de um rochedo!
Ah! quem me dera os musculos de pedra!...





A uma cantora

Alva, na pompa das visões gloriosas,
Plena das graças que a illusão semcia,
Quando ella surge, lembra uma sercia
Branca, a emergir das perolas custosas.

Ao seu olhar de deusas fabulosas,
Um céu de fogo em nosso olhar se arquia:
E sempre que ella canta, que gorgeia,
Vibram do céu as faxas luminosas...

Lactea visão lentejoulada, quando
Desata o rouxinol que tens na bocca
A doce melopéa dos *Sorrisos*,

As galeras dos Sonhos vão-se em bando. /
E sóbe, e sóbe uma harmonia louca
De harpas, violinos, castanholá e guisos...





Intangível

Nero, o bandido, o Artista da canalha,
A uma bella mulher que, honestamente,
Se não rendera á sua voz de gralha,
Ordenou que matassem lentamente.

E logo se arma, a exemplo de batalha,
Grande festa de sangue, ideal, fremente...
E um laço partiu—viva metralha—
Para arrancar os olhos da innocente!

Nua e chorosa, como um anjo, orava,
De pé, a pobre moça... Ansioso e triste.
Tremia o servo; e os passos retardava...

Chega, hesitante: ouve-lhe a fala anciosa,
E, imóvel, fica a olhar... —Pois não existe
Homem que mate uma mulher formosa !...





Octogenario

Foi poeta e amante... Ao vê-lo agora, penso
Num legendario «Krupp» abandonado,
Tristonho o aspecto, frio, desmontado,
Depois dos fogos de um combate immenso:

Muitas vezes, ao sôpro rijo e intenso
Da ventania, como que abafado
Chôro solta o canhão junto ao soldado,
—E o patriota aos olhos leva o lenço...

Tal vejo o egregio artista que se finda;
Frio, soturno como um subterraneo,
Lembra um canhão de rojo, em petreo leito;

E, quem sabe ? talvez lhe puujam ainda
As rajadas de luz dentro do craneo,
E uns farrapos de amor dentro do peito...





13 annos...

Quando fizeste onze annos, verde e olente
Roseira, aberta em flôr, ganhaste, Rosa,
E alguem, que está no céu, te fez presente
D'um passarinho de alma sonora.

Desde então, só viveste, meiga e crente,
Para o canario e a planta venturosa;
Dir-se-ia que eras mãe d'esse innocente,
E da roseira a mais bonita rosa...

Hoje, porem, que o vivo Amor se evola
Ante os teus olhos claros e, enlevado,
Arfa o teu peito e em maguas se consome,

—Quanta dor no canteiro e na gaiola !
Murcha a roseira á falta de cuidado,
E o passarinho já morreu de fome . . .





Namorados

Numa alegria vaporosa e louca,
Vamos os dois, sonhando, pela terra...
—Como és formosa vês? cerca-te a bocca
O pequenino beija-flor da serra.

Para saudar-te a luz dos olhos, pouca
E' toda a luz que o firmamento encerra,
E eu sei que a selva farfalhante e rouca
Treme aos teus passos e o jaguar se aterra...

Vamos ! dá-me essa mão branca e macia;
Quero ensinar-te agora, em tons diversos,
Uns madrigaes vibrantes de harmonia.

Descansemos aqui, para os harpejos...
—E, em vez da branda musica dos versos,
Rompeu nervosa a musica dos beijos!...





Consuelo...

Já dois vapores tendo aqui tocado
Sem trazer a que espero,—em louco anseio
Escrevi-lhe um bilhete apaixonado
E fui deixal-o eu mesmo no Correio.

E esperci... Num crepusculo doirado,
A sua carta ás frias mãos me veio:
Ah! ninguém sabe o doce, o abençoado
Rumor de auroras que senti no seio!

Descerro o envolvero, a tremer... E quando
Jam meus olhos cheios de querela
Pousar nas lettras, estaquei sonhando:

Ao desdobrar a folha alva e singela.
Eu vi—qual uma serpe se enrolando—
Um cacho negro do cabelo d'ella...





Várá

Virgem do gorro obliquo e avermelhado,
Por quem as noites passo inquieto è mudo,
Ha nos teus olhos, verdes como o prado,
Dois papagaios que arremedam tudo...

De chamalote e filoselle ornado,
Passa o teu vulto, às vezes, para o estudo:
E eu fico a olhal-o, absorto, allucinado,
Versos compondo ao gorro de velludo...

O bello arco-iris que ao pescoço trazes
—Essa serpente de vinte e um diamantes
Tem mordido centenas de rapazes...

Mas eu da serpe ignivoma não corro:
O que me prende a ti, doido, em descantes,
E' o teu vermelho e petulante gorro!...





Ao luar

O' jorro de alabastro! alma de Christo!
Amazonas de luz que me ergue e embala!
E's a alleluia da amplidão.—um mixto
de sons; lampejos, de velludo e opala.

Olho os vergéis em flor, olho-os, insisto
No olhar ancioso; o aroma que se exhala
E' um vinho, e canta!... Ao longe o mar avisto,
E o mar me tolhe e crystallisa a fala...

Maravilha de sombra e arminho e gase,
Salvo-te apenas, que não póde a phrase
Traduzir estes fremitos que arrancas!

...E a noite foge, e eu fico a olhar, incerto.
Como si contemplasse, boquiaberto,
Uma chuva aromal de rosas brancas!...





Contraste

Ao abrir o *enveloppe* que fechaste.
Crente no sonho por nós dois sonhado.
Desdobrando a cartinha, que dobraste
Como si fôra um lenço perfumado;

Lendo as phrases gentis, que desenhaste
Com tanto enlevo e amor, quanto cuidado.
Chôro e sorriso, porque tu choraste,
E no teu labio—qual na flor do prado

Surge doirada borboleta — um riso
Tambem surgiu, em festas, palpitando...
—Avido, agora, como lenitivo

A dor, sonho a ventura... e a não diviso:
Vives no oasis da Innocencia, orando,
E eu nos barrancos da Amargura vivo!...





Tantalo

Amas o oiro. Talvez que os teus mais caros
Sonhos sejam castellos d'è esmeralda,
Cheios d'è aurora e musicas, na espalda
D'alvos montes de marmore de Paros.

Sedas, crystaes e pedrarias, raros
Lavores, tudo... toda uma grinalda,
Toda a purpura ideal dos reis destrálda
A tua idéa ante os teus-olhos claros !.

Tantalo ! e eu, que só tenho o sonho e a prece
E esta paixão que no meu peito mora,
Olho as nyrvens azues, e choro, ao vê-l-as:

Tantas joias no céu !... Ah ! si eu pudesse,
— Ah ! si eu pudesse arrebatár, Senhora,
Um pedaço do céu, cheio de estrellas !...





A bordo

Oscilla a nau, enfim... Das utopias
Em busca, e de outro amor, parto sorrindo!
—Do velame a tremer zombam, rugindo,
As azas de albatroz das ventanias...

Tudo desaparece: o verde infundo
Onde os bois pastam... as lagoas frias...
Palhoças, praias, mangues... Symphonias
Bruseas os meus ouvidos vão ferindo.

Na altura o sol—como um navio em fogo—
Rompe as nuvens, audaz, sem ruído e jôgo,
Galgando aos poucos afastadas brumas...

Some-se... E a Via-Lactea, agora em scena,
Marca-lhe o rastro, enquanto a nau pequena
Nos mostra a via-lactea das espumas...





Louca

A sua bocca, de um lavor intenso,
E' um vivo golpe de coral, sangrando;
Quando a enxugam, num gesto, logo o lenço
Fica manchado e como que chorando.

Não mais aquelle aroma a cravo e incenso,
Morno, se evola do vestido pando;
E, ao ver-lhe o collo amarellado, penso
Nas pombas brancas quando estão criando...

Mas de tudo o que punge a creatura,
—Ante este quadro ignobil de revezes,
O que me traz ao coração mais frio

E' vel-a assim, nas trevas da loucura,
Passar pela filhinha de dois mezes
Como quem passa por um cão vadio...





In extremis

Eu sei que na outra vida a tua imagem
Hei de encontrar, isenta já de dores;
Mas peço, olhando as nuvens multicores,
Que nunca chegue o dia da viagem...

—Que estes campos floridos e esta aragem
Te tragam nova vida nova cores!...
Mas tu não falas: choras... E os negros
Da solidão empolgam-me a paisagem!

Quando chegar o dia da plangente
Despedida final, e um grave monge
Erguer aqui a voz, soturno e rouco,

—A verdade é bem simples, mas dolente:
Tu partirás sosinha para longe
E eu ficarei chorando como um louco!...





Tormentas

Tolda-se a face do Infinito, e zomba
Dos oceanos, cidades e florestas:
Das nuvens grossas um Niagara tomba.
Audaz, violento, espadanandô em festas.

Relampeja... à explosão de ignota bomba.
Cae fulminado sobre as verdes giestas
Enorme tronco annoso, e o céu ribomba.
Estoira, parte-se em legiões funestas...

Quando as nuvens do Ciúme procellosas
Toldam o teu semblante, e se amolinam,
Pesadas, negras—como as outras vóam,—

Rebenta a chuva, em lagrimas nervosas,
Relampeja... igneos raios me fulminam,
E nos teus lábios os trovões rebóam !...





No circo

Guapa, nas ancas de um cavallo russo
Bailando, envolta em velludillo e pratas,
Eil-a, a mais bella flôr dos acrobatas,
Na mão direita um rutilante chuço.

Tange o corcel, que traz guisos nas patas,
Um agil moço de castanho buço...
Mas surge o *clown*: irrompe num soluço,
E o povo irrompe em gritos e volatas!

Com o regio garbo de uma heroína antiga,
Salta ao solo a visão, pomposa e alacre,
Numa apothecose que se eleva á insania...

E silva, e atrôa, e applaude-a a turba amiga.
Emquanto o *clown*, vermelho como um laere,
Parla, em piruetas, ao corcel da Ucrânia...





Excelsa

Tudo em ti me arrebatava; o gesto brando,
O olhar, o riso, em trínulos insontes...
Falas: e a tua fala, sibilando,
Lembra o susurro quérulo das fontes.

Eu estou quasi a acreditar que o bando
Dos vagalumes rutilos dos montes,
São estrellinhas que caíram, quando
A vez primeira olhaste os horizontes!

Tudo em ti me arrebatá: desde o collo,
—Do pavilhão da cabelleira, o polo,
Até ás pombas brancas das sandalias...

E tanto me arrêbatas, que minh'alma,
Vendo o teu vulto, que a panthera acalma,
Se abre em papoulas, gira-sóis e dhalias!...





Bellicosa

Bizarra dona do corpete rubro,
Chapéu de sangue e sáia còr da treva,
Na tua *pose* mascula descubro
Todo o sonho fatal que ao cèo nos leva...

Sempre que passas, os meus olhos cubro
Para não ver o teu olhar, que eleva
E abate, ó dama do corpete rubro,
Chapéu de sangue e sáia còr da treva!

Rosna o povo, ao passares envolvida
Nessa galharda flammula candente,
Como um afoito general na lida...

E os homens, doidos de volupia, cheios,
Impetos sentem de, esfaimadamente,
Morder-te as carnes, arrancar-te os seios!...





Mystica

Essa que a fina còr das vagas frias
Possue nos olhos vagos e dolentes,
Lembra um doce volume de poesias,
Um livro azul de versos innocentes.

Oh! si as almas que arrancam melodias
Aos violinos ouvirem, confidentes,
Da sua voz as finas harmonias,
Hão de torcel-os entre as mãos, frementes!

Quando ella passa, em leves e serenas
Vestes, mas recordando uma rainha
Nos grandes olhos verdes, transparentes,

Seguem-na bandos de aves e phalenas,
Que a virgem traz, para alegria minha,
Uvas nos olhos e jasmim nos dentes!





Oceano

E' um oceano o teu peito de alabastro
E rosas. Nelle as ondas do desejo
Rolam cantando e vão, em triste arquejo,
Dos seios nos torreões, gemer de rastro...

—Rubra, enfunada a véla e ao tópo um astro—
Do Amor a escuna inquieta ao largo vejo:
Salta, esfusia, brame, eleva o adejo,
Tomba, mergulha e lava a proa e o mastro!

A' beira-mar horas inteiras seismo,
Verdes gaivotas vendo sobre o abysmo
E a escutar a sercía anciosa e louca...

Partem, na enchente, em vivos murmurejos,
As grandes vagas tremulas dos beijos
E vão quebrar-se nos coraes da bocca!





Infancia

i

Quanta poesia candida se agita
Nessa quadra de sonhos e esperanças !
Que scena de oiro ver a mãe afflicta,
Ou calma, aute o bercinho das creanças !

E' quando a gente, alegre, salta e grita
E corre atraz das ovelhinhas mansas,
Que o mundo—a torpe gehenna—um prado imita
E a vida lembra uma canção nas franças...

Mas esse tempo angelico e risonho
Finda na aurora, como um vago sonho,
E não nos volta mais ! Loucos, de joelhos,

Ficamos numa angustia que não pinto...
(Ah, meus oito annos ! Que saudade sinto
Das garças brancas ! dos guarás vermelhos !...)





II

...E eu me lembro tão bem! Pelas ribeiras
lá brincar com os outros, garrulando;
E todos nós ouviamos, em bando,
As cantigas de amor das lavadeiras...

Só parece que as tremulas figueiras
Gralhavam sempre que nos víam!... Quando
Passava alguém para o *Retiro Brando*,
Vaias rompiam d'entre as amoreiras...

A' noite, num regaço morno e olente,
Resava aq Coração todo carinhos
D'esse que a sorte (as lendas ainda correm)

Teve de, tão singela e heroicamente,
Nascer nas palhas—como os passarinhos,
Morrer suspenso—como as flôres morrem!...





Os olhos

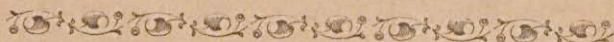
São duas almas que se adoram, duas
Mysteriosas visões que a terra cria...
Si uma chora, a outra sente maguas cruas.
Murmurá aquella, si esta balbucia.

Quer nos campos, ou quer nas praias nuas,
Ambas procuram juntas a harmonia
E juntas sonham... Entretanto, as suas
Faces jamais se tocarão um dia!

Nunca a moça fruitá do louco amante
Um beijo, e a sua magica cintura
Ha de ficar tambem sem um carinho...

Quando um morrer, nem mais saudoso instante
Viverá o outro, e para a sepultura
Irã cada um no seu caixão de arminho!





Pepita

Quando te vejo, gárrula Pepita,
No teu vestido de setim rosado,
Vibra minh'alma um canto enamorado,
E a minha carne, em labaredas, grita...

Moças que surgem, timidas de chita,
Fitam-te o regio vulto, em tom maguado,
E tu prosegues—*pince-nez* librado—
Num coquetismo de mulher bonita...

Ah! si eu tivesse o teu amor!... Veria
—Sobre opalas—a Deusa dos queixumes
A Terra Santa dirigir meus passos...

E, qual um Christo venturoso, iria,
Entre flôres, sonatas o perfumes,
Morrer na cruz marmorea dos teus braços !...





Musicas

Varias conheço, à luz da phantasia,
Inspiradoras de altos pensamentos:
A das ondas azues, dos brandos ventos,
Da harpa da bocca, apaixonada ou fria...

A musica das rimas delicia
Mais que a das ondas, pois os elementos
Que a originam têm magicos concertos;
Demais, gera affeição e sympathia.

A dos ninhos, tão doce que as seréas
A vão ouvir nas múrmuras aldeias,
Prende nossa alma em tremulos adejos.

Porém de todas ellas a mais linda,
A que nos traz uma ventura infinda,
E' certamente a musica dos beijos!





Sciencia occulta

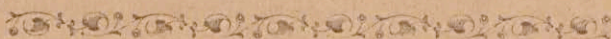
—Como dissessem que um fakir, si amasse,
Capaz seria de algemar o oceano,
E uma voz de mulher já me algemasse,—
Nova experiencia quiz tentar, ufano:

Tomci de um ninho os ovos, face a face
D'essa que adoro com fervor insano,
E, occultando-os na mão,—que ella cantasse
Pedi, depois, num gesto soberano...

Laura por fim se promptifica... E, em meio
da cavatina, as perolas serenas
Eil-as que tremem, rolam palpitando...

Ella cantava... E, ao som desse gorgcio,
Os passarinhos, lumbidos, sem pennas,
Surgiram todos, a tremer, cantando!...





Estoicismo

No jalde pampa das chimeras, louco
Procuo ha tanto um balsamo a esta magua:
Tenho o riso de um monge, o canto rouco,
E os fundos olhos arrasados d'agua.

Dentro em meu cranio, ja de sonhos oco,
A colera, em cachões, negra desagua;
Vejo que a Luz me foge a pouco e pouco,
E a procural-a vou, de fragua em fragua...

Mas... a teus pés não me verás, Senhora,
Que se não curva a um peito atroz, nefando,
Minh'alma ardente e amante das guitarras!

Punja-me da amargura a farpa, embora!
Has de em versos me ouvir sempre cantando,
O' sanguinario rouxinol de garras!...





Assombro


Aberto estava o templo: a procissão entrara.
Alvas visões de carne em seda esplendorosa,
Vinham beijar, chorando, a face dulçurosa
Do Christo, o redemptor da multidão ignara.

Ella, tambem, condoida, aproximou-se para
Depor um beijo ideal na imagem dolorosa:
No semblante trazia a fina côr da rosa
E nas pequenas mãos a côr do lyrio, clara.


Subito, um alvoroço em todo o templo Augusto:
Algida e branca, pende aquella flôr, de susto,
Attonita, perplexa, allucinada, louca...

O Christo estava além, no esquife, junto às santas:
—Ella não se curvou para beijar-lhe as plantas,
Foi elle quem se ergueu para beijar-lhe a bocca!...





POESIAS NACIONAES





O cão

Era um ninho de paz. O sertanejo
Vivia trabalhando.
A fim de dar ao fructo do seu beijo
Os fructos bons da terra... Lepto, quando
A aurora despertava,
—Rijo, espingarda á mão, rumo da roça—
Partia o velho, e um cão que o acompanhava:
E, ao verem-no sair da rude choça,
Quebrando as folhas sêccas e torcidas,
Em fugas desabridas

As raposas, cotiãs e os veados
lam-se, ás duziãs, pelo matto a dentro...

Pelos caminhos verdes e aromados
De hervas, resinas,—dos bambuaes ao centro —
Ora viam seus olhos, nos barraneos;

Cipós e ninhos d'aves,
Ora, carneiros brancos,
E os mansos bois, tambem, mudos e graves;
Borboletas azues, grandes, a cada
Passo, surgiam, lentas;
—E o cão em debandada
Pondo sempre as nambús...

Mais de dusesantas
Vezes, na longa vida, o alegre paria
Colhera um talo verde alli, cantando,
Para matar a serpe temeraria.
E quantã vez o bando,
O bando numeroso,
Mas covarde, fraquíssimo, medroso
Dos caetetés—não rechassara, rindo,
A açular o cachorro!

Ao fundo claro e lindo
De grande zona fertil,—trás um morro,—
Entre velhas palmeiras
E arbustos enfesados,
Onde viviam pombas bandoleiras
E os camaleões palermas, estirados,
Demorava o roçado do camponio.
Era um cercado toseo, mas immenso,
Chamado—*Santo Antonio*.
Alli, elle plantava—esforço intenso!—
Sosinho, sem auxilio de outro obreiro,
O algodão, a maniwa,
Milho, o feijão rasteiro,
O arroz e a canna verdejante altiva.
A' hora da sesta, á bocca o ideal cachimbo,
Ia revendo a filla em claro nimbo...

E, assim, mudo passava
As horas, sem poesia,
Até, que o sol tombava.
—Pobre de um mono que-lá foi um dia!
Tanto fez, que cahiu, morto de medo,
Nas mãos do cão robusto e sanguinario...

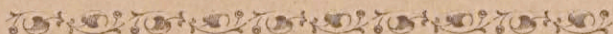
Um dia, muito cedo,
O rustico operario
Partiu estrada em fóra, só, deixando
Em casa o grande amigo.
Trabalhou, calmo e alegre... Mas, voltando,
—A dois passos do abrigo—
E quando prelibava a ideal ventura
De ver a loura creanca,
Vê-la, essential-a e, no auge da ternura,
Erguê-la após, tão mansa,
Eis que arremette o cão, todo festejo,
A bocca ensanguentada...
«Minha filha!...» alto clama, o sertanejo.
«O' filha!...» É nada... nada...
—«Este ladrão matou-a, certamente!»
E, em colera espumando,
Num arranco infernal, mas eloquente,
De magua soluçando,
Lança-se ao bom rafeiro
E logo o abate, a um golpe atroz, certo.

Era de ver, naquelle doce instante
Em que a tarde morria
E chorava o arvoredo palpitante
E a alma das cousas como que gemia,
A magua do animal ferido e exangue:
Uivava em pranto ardente,
Como a querer falar antes que o sangue,
Fugisse inteiramente!
Cada vez que clamava,
Uma tristeza funda, quasi invervel.

Pelo espaço infinito se espalhava,
Grande, plangente, humana, indescritível...
Boiava-lhe nos olhos bons, molhados,
A alma—essa cousa santa que ama e vò!
 E a lembrança dos prados
 —E da vida tão boa...
—O homem, como um ladrão, branco de magua,
Correu... Levava os olhos rasos d'agua.

Penetrou no casebre: a um canto escuro,
 Ao canto de uma porta,
Dormia a criancinha um somno puro;
 E além, ferida e morta.
—Hirta, medonha, o corpo aberto em chagas,
Revelando uma pugna atroz, do inferno,
 Violenta como as vagas,
 Tão fria como o inverno—
Negra fera mostrava as alvas presas!
«Oh, grande Deus!...» gemeu dolente, afflicto,
 O velho das deveras,
E, louco, desvairado, fô, contricto,
 Buscar o companheiro;
 Mas o cão, moribundo,
A estorcer-se de dor, no derradeiro
 E triste adeus ao mundo,
Não mais se ponde erguer, obediente:
 —Lambeu-lhe as mãos somente!...





Tardes em Itapéua

Tardes á beira-mar ! tardes cheias de encanto,
De um influxo divino, incognito e latente !
Tardes á beira-mar, vós me soltaes no canto
Bandos de sabiás numa canção dolente.

Ha, nas aguas do oceano, á tarde, uma tristesa
Que inunda o coração de amor e de saudade;
Só parece que o mar traduz toda a pureza
Dos amplos céos azues, de Deus, da immensidade.

E' como um livro immenso, onde o dragão do crime
—O homem—vae meditar, cheio de um fluido ethereo:
Cada vaga recorda um lição sublime,
Escripta por Jesus com as tintas do mysterio....

O espirito se abate a pouco e pouco, e inerte
Fica, por fim, absorto em tetricos pesares:
Nada sabe ou comprehende o pequenino verme
Ante a excelsa amplidão sem fim dos céos e mares....

Aquí, neste arrabalde entregue á natureza,
Onde a vaga murmura em mystica bonança,
A' tarde, o céu desfolha, em toda a redondesa,
As magnolias da magua e as rosas da esperanza.

Freme, num tom que punge, a viração gelada,
E o verde carnaubal responde-lhe, em sturdina:
E a alma humana a tremer, da materia afastada,
Como que esvoaça em pranto, incerta e pequenina....

Quanta vezes, alguem, curvado ás leis tão duras
Da vida, e o bravo oceano a ouvir, medonho, á proa,
Não ergue, ansioso e mudo, o olhar para as alturas,
Por momentos deixando o leme, a vela á toa!

—Volta o gado aos curraes. Alvaentos carneiros
Vão-se em busca do aprisco, atraz do extenso mangue,
Emquanto pelo espaço, em vôos altaneiros,
Se avistam os guarás em fitas cõr de sangue.

A donzella doente—a musa de um soneto—
Volta a sorrir do bauho, as conchas apanhando:
Chega... manda sellar o seu cavallo preto
E sãc pela chapada, intrepida, esquipando.

E as flores do pau d'arco a palpitar de frio ?
E o verde paturá, na espuma, ondeando aos beijos ?...
—Estende-se o areal, sereno como um rio,
Coalhado de legiões de rubros caranguejos.

Sáia ao joelho, a pastora ingenua dos cabritos,
Que traz nos olhos bons a alegre cõr dos prados,
Tange-os cantarolando e a colher os hõnitos,
Redondos guajurús e os murieys doirados.

Não raro, o caçador dos gansos cõr de rosa
Surge, agachado,—e o rifle aponta, observa, mira...
Subito, estronda: o ganso agita-se e, em penosa
Vertigem, cõe na espuma, e treme, e treme, e expira...

E a vaga a soluçar... a vaga soluçando,
Monotona, insistente, e a rendilhar as aguas...
E ao soluço da vaga, outra vaga se arqueando
Dentro do peito humano—a vaga atroz das maguas...

—Às vezes, o gavião, no tópo da palmeira,
Tem nas garras de ferro um passaro, que pia;
E o rubro tatairá, do pobre ninho à beira,
Canta, medroso e afflieto, enquanto a prole espia...

Clia o carro de bois em lousca da fazenda,
—A' frente pendurado um cacho de bananas;
Vem de longe, talvez, que a trilha, a infinda senda
Se estende para o poente, atraz das manoranas...

Cansado, o camponez regressa, então, da villa,
Aos hombros o cacete e um cõfo em cada ponta;
Segue-o, latindo, o cão—um bello cão de fila,
A correr e enxotar macaricos sem conta...

Longe, naquella roça onde o milho se embala,
Rude mulata solta umas canções singelas...
Lá surge um pescador...mais outro...É tudo exhala
O aroma tentador das mangas amarellas!

E a vaga a soluçar...a vaga soluçando
Uns soluços sem fim.—tão fundos como as aguas!
A vaga, sempre a vaga...e sempre se arqueando
Dentro do peito humano a vaga atroz das maguas...

Tardes á heira-mar! ó tardes de poesia!
Cheias de paz e amor, de choro e de esperanças!...
—Prostra-se a Natureza, as mãos na face fria,
Abandonando ao vento as alouradas tranças...

É quando o som plangente, a voz d'Ave-Maria
Me vem chorar no ouvido em languidez immerso,
Ergo a fronte e, fugindo á cruel philosophia,
Balucio, extasiado, uma oração em verso...





Ave-Maria

Ave-Maria:
No triste sino do campanario
Sõa a primeira pancada fria;
Alguem procura no seu rosario,
Movendo os labios, com voz sombria,
As breves contas da *Ave-Maria*.

Quanto socêgo,
Quanta harmonia por este campo !

Já cruza os ares feio moreego,
E abre as azinhas o pyrilampo
De olhos tão vivos, que dão conchego
D'amor aos ninhos... Quanto socêgo!

A vacca berra
No curral grande, longê do filho
Vindo ha dois dias d'aquella serra;
Que lindo filho! da côr do milho...
E a voz do sino nos ares erra,
Berra o bezerro e a vacca berra...

Como assustada,
Vem a gallinha com seus pintinhos,
Rouca a chama-os, arrepiada;
Latem rafeiros pelos caminhos,
Já das correntes livres, e cada
Ovelha bala, como assustada...

Oh, para a bençam
Chegam creanças, de camisola,
No doce engano dos que não pensam...
E a voz do bronze nos ares rola...
Quantas tristezas já se condensam
Na alma d'aquella que deita a bençam!

Hora de amores,
Em que a Saudade são pelos montes,
D'olhos molhados e sonhadores,
Falando aos ermos, ouvindo as fontes,
—Como és solenne nas tuas dores,
Hora de maguas, hora de amores!

Um quê de vago,
Um quê de triste, suave, ethereo,

magistral

Invade os campos, o monte e o lago;
E a alma se expande num gôso aereo,
Porque a envolve qual sôpro mago—
Um quê de triste, divino e vago...

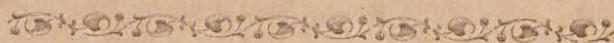




"Boa Fé"

Eis o sitio adorante, onde os primeiros
Versos compuz, sorrindo e palpitando...
Que bello dia!... As rôlas vão pousando
A' sombra dos coqueiros
Esguios e altaneiros.

Berrando, em busca d'agua crystallina,
Para o poço abundante corre o gado:
Bebe, bebe... e lá volta, compassado,
Para a triste campina
E o triste descampado.



Visita a "S. Raimundo"

Alveja a casa singela
Entre arbustos que se endoram:
Casa tão simples aquella
Como as gentes que lá moram.

Em frente, jaz a lagôa
Faiscante como um espelho;
Dentro, em lugar de canôa,
Um caboelinho vermelho...

Avisto, em quadro ligeiro,
Gallinhas, patos á tóa:
As gallinhas no ferreiro,
Os patos junto á lagôa.

Como trombones bravios,
Roncam leitões e *cachaços*;
Tão gordos são os raios,
Que mal se firmam nos passos!

Cavalgando um boi—cavallo,
Um velho chega á varanda:
Traz ovos, peixes e um gallo,
Para vender na quitanda.

Outro subiu, carregando
Arroz em casca e farinha:
Cospe... e lá vae empinando
40 réis da *branquinha*.

Este outro, rôta a camisa,
E a calça rôta furada,
A barba de bôde alisa,
Cheirando á carne salgada...

—Alli, o engenho se move
Ao passo dos bois, não cessa...
Que alegria quando chove!
Como os bois andam depressa!

Escuto uma chula antiga,
Ao cheiro bom do vinagre:
—Como é fanhosa a cantiga
Naquella bocca de hagre!

Os pretos, que os bois impellem,
São verdadeiros macacos:
Das boccas a *masca* expellem,
E um aere odor dos sovacos...

Vasiô, o carro de canna,
Repousa, triste, inclinado;
Travessa figura humana
Trepada á roda, de um lado.

Rescende a cachaça prompta,
Ferve o mel, bóia a zurrapa,
Emquanto o assucar se aprrompta,
E corre a doce garapa...





Campo em fôra

Enchem-se os campos. Onde outr'ora as eguas
Pastavam relinchando,
—Numa extensão, talvez, de vinte leguas—
Corre a canôa silenciosamente
Por sobre o junco brando;
E os *carceiros*, que a impellem, vão cantando,
Em ducto frequente,
Uma canção dulcíssima e dolente.

Roscas, as flores do algodão selvagem,
Em forma de businas,
Surgem, de instante a instante, na passagem...
Que cheiro forte e bom de genipapos,
De fôlhas, de resinas!
E os bandos das graúnas pequeninas
—Escarlates os papos—
Fogem, trillando pelo azul... Em trapos.

Um matuto de aspecto macilento,
Anemico amarello,
Caníço em punho, pesca ao sol e ao vento;
A dor talvez lhe açoite o magro peito,
Rija com um martello;
E o pobre camponez, mudo, singelo,
—A's provações affeito—
No manso olhar, parece satisfeito...

Das araras a rispida algazarra
Quebra o silencio infindo,
Como sons de clarins ou de fanfarras...
—Cantaro ás mãos, lá foge uma pequena,
Espantada, sorrindo,
Quasi despida... Que peitinho lindo!
Das carnes da morena
Se evola o aroma fresco da açucena.

As lavadeiras torcem roupas brancas,
E estendem-nas nos galhos,
Entre palestras animadas, francas,
De solecismos e de crenças cheias;
Uma, a que tem grisalhos
E duros os cabellos,—que espantalhos!—
Mostra as mamas, já feias,
Molles, compridas como um par de meias...

Dos guarimãs nas moitas verdejantes
 Brigam japyassocas,
Sobre os gapéuas, mururús flutuantes ..
—Lá se vão os tatús em retirada,
 Rumo das negras tocas,
E alli, tão perto, duas emas chocas
 Fugindo para a enseada,
Velozes como as bestas na chapada !

No horisonte, a boiada sertaneja
 Eis surge, caminhando,
Oíço a voz dos vaqueiros, na peleja,
Rouca, morosa, ininterruptamente...
 ...E sobre o junco brando
Corre a canôa, e os pretos vão cantando,
 Em dueto frequente,
Uma canção dulcíssima e dolente...





POESIAS DIVERSAS





Canção

Quando despertas, do rio à borda
Surgem centenas d'azas abertas;
Meu estro morto também acorda,
Louco evocando coisas desertas.
Quando despertas.

Quando tu cantas, as borboletas
Tentam balladas por sobre as plantas;
E ahrem-se rosas, lyrios e violetas.
Entre alleluias de mil gargantas.
Quando tu cantas!

Si a agulha pegas, os passarinhos,
Trinando, buscam pequenas palhas;
Em caravanas pelos caminhos
Surgem donzellas, ouvindo gralhas,
Quando trabalhas.

Choras... e as flores caem dos ramos,
Choram poetas, harpas sonoras;
E morrem flores e gaturamos,
Sonhos de noivas, canções de auroras,
Quando tu choras!

Quando adormeces, tudo se cala:
Pombaes e ninhos, feras enormes...
Somente um louco às estrellas fala,
Fitando os montes, pedras informes,
Quando tu dormes...





Supplicio atroz

I

...Sim, caminhavas suspirosa e triste,
Tal como eu caminhava;
Chorava o teu olhar, que ao meu resistiu,
E o meu, que não resistiu ao teu, chorava.

Não nos movia a essência das alfombras,
Nem os fados do oriente;
Tinhas a mente cheia de mil sombras,
De sombras mil eu tinha cheia a mente...

Vendo as flores, que, abertas, palpitavam,
E, entre os galhos, os ninhos gorgעיando,
Acreditei que os passaros choravam
E as flores todas vinham soluçando...

Por fim nos enlaçamos: tu me deste
A vida, e eu balbuciei todo um poema...
E depois?—ah! depois tu me disseste,
Com o lenço, o adeus da despedida extrema!...

II

Mas... eu te amava tanto, que não ousou
Despir-me do Ideal, cheio de encanto:
Quero a Ilusão!—embora sem repouso
Viva minh'alma e o pão me amargue tanto:

Assim, creio e não creio no meu fado,
Pois que vejo—não vendo—o teu sorriso:
Longe de ti, possuo-te ao meu lado,
Divisando as estrellas, que diviso

No mesmo céu que outr'ora contemplavas
Commigo; a mesma página relemos!
Sonho contigo o poema que sonhavas,
E aquella mesma lagrima vertemos...

Somos dois, sendo um só: pois o que sentes
Tambem sinto, e onde estou—estás commigo;
Cantas; si a voz levanto aos céos ardentes,
Vês o que vejo e dizes o que digo!...

III

E sei que ainda vives ! e és formosa
Ainda ! ainda dos anjos tendo a palma !...
— Ah ! volta aos olhos meus e á alma saudosa,
Luz dos meus olhos, alma da minh'alma !

Volta ! que o fel que sorvo, amargamente,
Longe dos seios e da tua linda
Bocca de sangue, avelludada e quente,
A curta vida me encurteece ainda !

Quero que os olhos meus uma aza franca
Palpite e um sol lampeje, em halos de oiro,
O' minha doce borboleta branca,
Sol dos meus sonhos pequenino e loiro !

Pelos vergéis, então, sem um martyrio,
Irás commigo, ao som de ignoto harpejo,
No seio roseo agasalhando um lyrio,
No roseo labio agasalhando um beijo.

Veremos um planeta em cada gotta,
Em toda a pedra—a maciez do arminho,
Verde aurora, rompendo, em cada mouta,
E o calis de uma rosa em cada espinho !

Tudo o que vive, em musicas e assombros,
Ha de envolver-nos, rindo e palpitando,
De maneira que até nos nossos hombros
Virão pousar os rouxinões, cantando !

As borboletas, esquecendo as roças,
Azas terão para nos ver de perto,
E hão de formar, sobre as cabeças nossas,
Um coruscante e immenso pallio aberto !

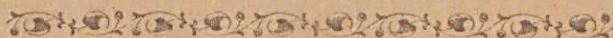
Hispida esteja a relva e sem olores:
Como brotam, do sol aos fulvos traços,
Milhões de flores... os milhões de flores
Irão brotando ao som dos nossos passos !

Rios de luar verci pelas estradas,
Em curvas de crystal relampejando,
E um punhado de estrellas nas ramadas,
E o pavilhão dos Versos tremulando !

Os próprios tigres bravos da floresta
Múrmura,—em ovações pelos caminhos,—
Talvez urrem de amor na grande festa,
Arremedando a musica dos ninhos...

Negreje a noite, embora... a passarada
Despertará numas canções sonoras,
Porque tu tens nos olhos, doce amada,
Duas cascatas despejando auroras !

Não tardes ! Sei que vives longe... e, crente,
Ainda em buscas pelo mar bravio:
Aí, volta !—o céu agora é tão ardente,
E no meu seio agora ha tanto frio !...



Versinhos a Helena

Na aza do amor, linda filha,
Esta poesia te escrevo:
Toda cheirosa á baunilha,
Trescalando á malva e a trevo.

Que ella te encontre, —na ausencia,—
Num paraiso risonho,
Entre os jasmims da innocencia
E as mangeronas do sonho.

Tal como os silphos, nuns varios
Trechos do céu, pelos ramos,
A ouvir canções de canarios,
Colleiros e gaturamos.

Ou louca, louca, ante as azas
Luzentes das borboletas;
No rosto o calor das brazas
E um cheiro bom de violetas...

.....

—Quando o alecrim (ai, si fosse!)
Aspiro aqui, sobre o gelo,
Supponho sentir o doce
Aroma do teu cabelo.

Teus olhos negros, na face
De jaspe, causam delirio:
E' como si a gente olhasse
Dois melros dentro de um lyrio!

A bocca pequena e fina
Não sei pintar, nem de leve!
—Talvez, por graça divina,
Surgisse um coral da neve...

A cabelleira dourada,
Em caracões pelos flancos,
Comparo-a á fulva latada
Coberta de cravos brancos.

Na voz, que sonhos diversos
Empresta ás almas saudosas,
Tens a harmonia dos versos,
Tendo a fragrancia das rosas.

Si em nivea flor um besouro
Faiscante avisto, aurea abelha,
Cuido ver um brinco de ouro
Na concha da tua orelha!

Os pés—algoz das verbenas—
Sempre em floreios, girando,
São duas ageis, pequenas
Pombas de arminho, arrulando...

Na memoria fiel, a cada
Momento te ouço os harpejos
Dos guisos da gargalhada,
Das castanholas dos beijos!

E os teus travessos dedinhos?
E as tuas unhas, formosa?
—São bicos de passarinhos,
—Coradas pet'las de rosa!

A lingua, que nunca exangue
Se mostra, e sibila, e estala,
E' um passaro côr de sangue
Numa gaiola de opala!

Recorda ainda teu braço
O alvo pescoço de um ganso;
Das sobranceilhas eu faço
Azas de insecto... e descanso.

—Que nunca percas, Helena,
Das aves ouvindo os tangos,
A candidez da açucena
E a alegria dos morangos!



A Ruy Barbosa

Águia branca da Paz, que, abrindo as grandes azas
Na Hollanda, projectaste em círculos flammandes
Lampejos de vulcão faiscantes como brazas,
Relampagos de sóes, fagulhas de diamantes,
Salve!

A Allemanha, a Italia, a Russia, o mundo inteiro
Teve, acaso, a impressão de ouvir no parlamento
O *Amazonas* soberbo, ardente, brasileiro,
Dos teus lábios rolando em vagas de ouro... Isento
De odio, lembravas sempre, ó Mestre scintillante,
Entre esplendor da lucta homérica, o iracundo

Pão de Açúcar natal transformado em gigante,
Num gigante de luz a discurrir com o mundo!
Eras um tronco em chamma...um tronco destas mattas,
Um bloco d'estes céos, uma onda d'estes mares,
A proclamar bem alto, entre arrebóes e pratas,
O poema da Justiça e a communhão dos Lares!
A Europa, essa Mulher que empunha um facho ingente,
—Como si no Thabor o Christo contemplasse—
Estremeceu de assombro, ao receber valente
Rajada flammejante e augusta em plena face!
Foi um banho de gloria! Ao som de árias nativas,
Brago que o diga, e Choate, o sabio americano...
Semcaste, entre os heróes, legiões de estrellas vivas,
Bello Vesúvio humano!

Quanta gente, aos clarões boreaes do teu discurso,
—Nas azas do silencio, abertas, espalmadas—
Aos vagabundos cães da Inveja não deu curso,
É a um grandioso tropel de Idéas constelladas!
Talvez se transportasse a magestosa França
Aos bosques do Brazil sempre verdes e olentes,
Para escutar, sorrindo, um hymno de esperança,
Ver a esbelta palmeira, os passaros frementes,
A fonte, o arroio, o prado...E alguém talvez mordesse
Occultamente as mãos...

Surgiste na hollandeza

Terra tal como o sol na eterna arena: vê-se,
A princípio um clarão, fugaz ~~na~~ redondesa,
Leve, brando, subtil; depois, eil-o mais vivo;
Inda mais vivo; e cresce, e augmenta, e ganha o espaço
Como um rio de fogo, invade o oceano altivo,
A cidade, a floresta, e já com raios de aço
Se transforma num mar violento e tudo alaga,
Tudo lambe, devora e escalda, fuzilando...
Assim tua Palavra ali surgiu: foi vaga
Chamma, a princípio... mas cresceu, foi-se alargando,
E crescendo, e alargando, até que se fez bello

Incendio a espadanar centelhas de esmeralda,
Vencendo a labareda o egoismo, o ciúme, o gelo:
Por fim,—doirada serpe enorme—ascende á espalda
Do pavimento e então, pelo infinito em fóra,
Foge colleando e vae, em alleluias flavas,
Celebrando o Brazil, numa explosão de aurora,
Celebrando o Brazil, num turbilhão de lavas!





Poetas e passarinhos

Leonor tinha um canário. Quando a aurora
Se erguia do alvo leito,
O musico jovial, com voz sonora,
Vibrava satisfeito
Compridas gargalhadas na varanda.
Era fino o garoto da menina:
Assim como quem manda,
Ficava inquieto, afflieto, si a divina
Se descuidava, ás vezes, de bem cedo
Ir vel-o, encarcerado:

Cantava... e os outros fóra, no arvoredo,
Ouviam-lhe o trinado
—Cavatina de amor que em sonhos peço
A' pobre musa minha.
Leonor amava-o tanto que, confesso,
Cheguei a ter ciúmes da avesinha...

No dia de seus annos,
A casta flor de opala e arminho e rosa,
A flor de soberanos,
Mais loira que uma estrella e mais formosa,
Quiz libertar o pobre passarinho:
Soltou-o... Mas que atroz fatalidade!
Mal vira o azul caminho,
O sublime cantor da soledade
Vouu trinando e foi—na curva ingente—
Cahir nas mãos do gato da visinha!

.....
Dos teus braços, Leonor,—cadeia ardente—
Nunca me soltes, não!... que a moreninha
Traiçoeira que allí mora,
Tem garras de panthera, olhos damnhinhos;
E tu bem sabes, filha: não se ignora
Que os poetas são eguaes aos passarinhos...





Deliciosa

Deliciosa mulher, teus olhos d' aço
São imans luzidios de loucura:
Eu quero enlouquecer no teu regaço,
Enlouquecer de amor e de ventura!

Quero-te meiga, languida, inclinada
Sobre o meu peito em chamma; ouvindo incertos
Idyllios... a tremer... desennastrada
A coma, e os olhos mortos, pouco abertos...

Quero beijar-te a cabelleira ardente,
A orelha, a fronte, as faces, e o pescoço
Cheio do aroma insolito e fremente,
Que me arrebatá o coração de moço...

Soerguer-te após ... e, louco, e cego, e mudo,
Ter-te em meus braços, louca de caricias;
Gosando as tuas formas de velludo,
Premindo esse alabastro de delicias...

A minha mão, violenta como um rio,
Ir-te-á despindo o collo, a espadua... e logo
Que em teu corpo resvale, um calcfrio
De goso sentirás na carne em fogo...

Hei de sorver-te a polpa inextinguivel
D'esse formoso labio, aberto a meio,
E depois, num arranco indefinivel,
Morderei os biquinhos do teu seio...

Molle e tonta, á pressão dos meus abraços,
Tu gritarás baixinho, entregue á insania:
E então, vendo-te inermc nos meus braços,
Hei de rugir como um leão da Hyrcania!

Quero-te assim: vermelha... soluçando...
Toda despida, inteiramente nua,
O nosso olhar de febre scintillando,
Collada minha bocca á bocca tua!

Tropega a lingua, no final do crime,
Os dentes rilharás... e, qual serpente,
Num impeto febril, voraz, sublime.
Has de estorcer-te voluptuosamente!...



Céu, terra e mar

(Antiqualha burilada)

O' morta, a que ora sinto
No peito procelloso,
E' tão profunda, que, pintando-a, minto,
Como outr'ora menti, pintando o goso

Que sentia de amor...

Quando me ouvias

Sob as magnolias, em florido leito,
—Trago um bando de sós dentro do peito !—
Lizia, rindo, porque me sorrias.

Mais tarde, quando abandonei a serra,
Levando o sonho, a pena, o amor e o medo,
Disse, banhado em pranto, ao passaredo:
—Levo no peito os cardos que ha na terra...

Más, hoje, que, sem ti no mundo, chora
Minh'alma, e eu rólo, e arquejo, e morro, ao frio,
Entre roucos gemidos, balbucio:
—Rebentam vagas no meu peito, agora !...





Agonia de um anjo

Tenho nos braços minha fillinha ..
(Pobre andorinha!
Como ella volve, gemendo, os olhos!
Biquinho aberto,—fria, gelada,—
Cerrando os olhos... abrindo os olhos...)
—Nossa Senhora, Mãe Adorada,
Tende piedade da filha minha!

Dezoito mezes: é tão pequena!
Que dor, que pena

Me rasga o peito e me arranca os sonhos!
Tinha a alegria dos passarinhos,
Tendo das rosas a cor e os sonhos...
—O' Mãe Piedosa dos pobresinhos,
Baixae os olhos! vêde esta scena!

—Si não morresses! Com que alegria,
Teu pae veria
De novo os jambos que cubiçavas!
Ai, que remorsos de haver negado
O gorro verde, que cubiçavas!
—Pede-me os astros, ó filha!... Ousado,
Irei busca-los, na ventania...

.....

...E morre aos poucos minha filhinha!
Ai, coitadinha,
Como ella volve, morrendo, os olhos!
Boquinha aberta,—branca, gelada,—
Virando os olhos... virando os olhos...
—O' Mãe de Christo, Mãe Adorada,
Não vos condoestes da filha minha!...





Na Bethulia

I

o

Num feroso coreel—olhos tigrinos,
Nervosas patas escarvando o solo.—
Pára Holophernes junto da cidade.

Sôam cornetas e tambores, hymnos
Marciaes. Do general no altivo collo
Chispam constellações... Com magestade,

—Vasto oceano de heróes —a infantaria
Ondula, arde, fuzila, atrôa, freme,
Desfraldando o estandarte flammejante:

E a intrepida, infernal cavallaria
Empina-se, escumando, e rincha, e treme,
Prompta para arrojar-se a cada instante . . .

«Derrocae o aqueducto ! . . .» —Incontinenti,
A' voz do chefe assyrio, mil soldados
Avançam como tigres . . .

O inimigo

Vae padecer o horror da sêde ardente !

II

D'entre o negror dos muros sitiados
Um vulto surge e busca —atroz perigo

Arrostando e arrostando a propria vida,—
O exercito . . . Eil-o á frente dos guerreiros,
Na pompa excelsa e real da formosura:

—General ! nesta lucta cruel, renhida,
Sei que perecerão meus companheiros,
Pobres judeus maldictos, de alma impura . . .

Venho, pois, entregar-me, e espero a vossa
Sublime compaixão ! . . .

—Mulher sublime,
Como te chamas ? dize-me o teu nome !

—Eu chamo-me Judith...

—O' linda moça,
Saúdo-te!... Em teu labio a flor do crime
Fulge, trespala e o humano olhar consome...

Prisioneira de amor serás, apenas,
Nesta campanha, que de encher de glorias
A quem de amores enches com o teu riso...

Oh! sinto-me invencivel! Estas scenas
Romanticas, eternas, são victorias
Mais doces que a illusão do Paraíso...

Tu serás minha, e minha eternamente,
Meiga flor dos judeus!...

III

Lauto banquete

Offerece Holophernes á bemvinda

Apparição dos céos: na mesa ingente
Via-se, entre os crystaes, fino tapete
De flores naturaes. Graciosa e linda,

o

Cheia de joias, de volupia cheia,
Olhos rasgados, humidos, vibrantes,
A prisioneira celestial sorria...

Os officiaes, com vozes de sereia,
Verdes taças tiniam, palpitantes,
Numa apotheseo extranha e luzidia.

Cresce, augmenta o delirio... O reboiço
Dos copos e talheres, pouco a pouco
Queima, incendeia as almas, ante aquella

Esplendida mulher, cheia de viço...

.....
E o general bebia como um louco,
Prisioneiro de amor dos olhos d'ella!

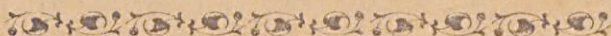
IV

—Aos meus braços, Judith! Esse teu labio
Ha de ser doce como um favo branco!
Solta o cabello e vem, que a minha vida

Palpita agora em tua bocca... Sabe-o:
Quero sentir da morte o suave arranco,
Num beijo longo, infindo...
Enternecida

Queixa, em surdina, vóa... ouve-se um chôro
De volupia... Depois, tudo morrendo
Vae, lento e lento, pela madrugada...

.....
Holophernes resona como um touro...
Ergue-se a moça: e, rapida, tremendo,
Decepa-lhe a cabeça co' uma espada!...



Dona Edith

Os negros olhos de Dona Edith
São dois sublimes diamantes pretos:
—Ah, si eu pudesse nos meus sonetos
Pregar os olhos de Dona Edith!

Os seios d'ella, cheirando á rosa,
Lembram pomares de philomelas;
—Quem fôr poeta, que cante aquellas
Duas fructinhas de leite e rosa...

E aquelles labios? naquella bocca
Rebentam beijos, canções amenas;
—Si as nossas almas fossem phalenas,
Só bailariam naquella bocca!

Serpes de fogo—braços ardentes—
Flavos cabellos cheios de auroras:
—Serpes, prendei-me por duas horas,
—Emmaranhae-me, cachos ardentes!

A branca perna, que a sãia curta
Beija, dos Sonhos é a linda palma;
—Quanta amargura gosa minh'alma
Sob o céu branco da sãia curta!

Quando eu fôr vermes, e Dona Edith
Passar, um dia, naquella serra,
Hão de mil flores surgir da terra
—Ao som dos passos de Dona Edith...



ERRATA

| Pgs. | ERROS | EMENDAS |
|------|----------------------------|----------------------------|
| 12 | que o sangue cobre | que o sangue cobre |
| 13 | Frias sobre o arminho, | Frias, sobre o arminho |
| 16 | Como se um anjo fosses | Como si um anjo fosses |
| 59 | nova vida nova cores | nova vida e novas cores |
| 68 | doidos de volupia, cheios, | doidos, de volupia cheios, |
| 93 | A dois passos do abrigo | Ha dois passos do abrigo |
| 93 | Em que a tarde morria | Em que a tarde morria, |
| 95 | Bandos de sabias | Bandos de sabias, |
| 100 | Berra o bezerro | Berra o bezerro, |
| 111 | pelo azul...Em trapos. | pelo azul...Em trapos, |
| 111 | Rija com um martello | Rija como um martello |
| 112 | Sobre os gapéuas | Sobre as gapéuas |
| 116 | rosas, lyrios e violetas, | rosas, lyrios, violetas, |
| 125 | A principio um clarão, | A principio, um clarão |

Corrêa da Silva

INDICE

SONETOS

| | |
|-----------------------|----|
| Triumphal..... | 9 |
| Princesas..... | 11 |
| Amor materno..... | 13 |
| Concerto..... | 15 |
| Eterno vulcão..... | 17 |
| A choupana..... | 19 |
| Saudade..... | 21 |
| Deusa da Volupia..... | 23 |
| Apaixonada..... | 25 |
| Ambrosia de luz..... | 27 |
| Piano ideal..... | 29 |
| A primeira rosa..... | 31 |
| Enfermo..... | 33 |
| A uma cantora..... | 35 |
| Intangível..... | 37 |
| Octogenario..... | 39 |
| 13 annos..... | 41 |
| Namorados..... | 43 |
| Consuelo..... | 45 |
| Yáyá..... | 47 |
| Ao luar..... | 49 |
| Contraste..... | 51 |
| Tautalo..... | 53 |
| A bordo..... | 55 |
| Louca..... | 57 |

| | |
|-----------------------|----|
| In extremis..... | 59 |
| Tormentas..... | 61 |
| No circo..... | 63 |
| Excelsa..... | 65 |
| Bellicosa..... | 67 |
| Mystica..... | 69 |
| Oceano..... | 71 |
| Infancia I..... | 73 |
| Infancia II..... | 75 |
| Os olhos..... | 77 |
| Pepita..... | 79 |
| Musicas..... | 81 |
| Sciencia occulta..... | 83 |
| Estoicismo..... | 85 |
| Assombro..... | 87 |

POESIAS NACIONAES

| | |
|-----------------------------|-----|
| O cão..... | 91 |
| Tardes em Itapêua..... | 95 |
| Ave-Maria..... | 99 |
| «Boa Fé»..... | 102 |
| Visita a «S. Raymundo»..... | 107 |
| Campo em fóra..... | 110 |

POESIAS DIVERSAS

| | |
|---------------------------|-----|
| Canção..... | 115 |
| Supplicio atroz..... | 117 |
| Versinhos á Helena..... | 121 |
| A Ruy Barbosa..... | 124 |
| Poetas e passarinhos..... | 127 |
| Deliciosa..... | 129 |
| Céo, terra e mar..... | 131 |
| Agonia de um anjo..... | 133 |
| Na Bethulia..... | 135 |
| Dona Edith..... | 139 |

| | |
|-------------|-----|
| Errata..... | 141 |
|-------------|-----|